



FARIAS BRITO

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Jackson de Figueiredo, Jônatas Serrano, Tasso da Silveira, Nestor Vítor, Magalhães de Almeida, Alvaro Bomílcar e quantos outros! fizeram refletir a sua influência em vasta porção das novas gerações, preocupadas com os problemas sociais e as pesquisas, no campo das ciências, das artes e das letras.

A essa cruzada luminosa o nosso preclaro conterrâneo prestou os mais assinalados serviços. Escreveu tratados substanciais e de larga repercussão.

Nêle — disse um biógrafo categorizado — aos dotes de historiador se vêm juntar as qualidades penetrantes de crítico fino e sagaz.

Raimundo de Farias Brito nasceu na tranqüila cidade de São Benedito, sôbre a serra da Ibiapaba, a 24 de julho de 1862.

Desde os estudos secundários, no antigo Liceu do Ceará, revelou incendido afêro às leituras e às aulas.

Formou-se em Direito, na benemérita Faculdade de Recife, em 1884.

Exerceu, entre nós, vários cargos públicos, revelando nobre sentimento de respeito ao dever.

Transportando-se para o Norte, regeu a cátedra de Filosofia da Escola Jurídica do Pará.

Ali, manteve banca de advogado e lecionou Lógica, no colégio oficial.

Demonstrou, com admirável evidência, a pertinácia de perscrutador insaciável na busca da Verdade.

Em rumoroso concurso da cadeira de Lógica do Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, conquistou a láurea de primeiro classificado.

Todavia, sômente mais tarde, com o falecimento de Euclides da Cunha, passou a ocupar o pôsto que, de justiça, lhe competia.

Fôra, lamentavelmente, preterido por injunções políticas do momento.

Com a veracidade e percuciência do seu conspícuo saber, o padre Leonel Franca denominou Farias Brito o mais alcançado dos nossos pensadores.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Dêle afirmou o insigne mestre da "História da Filosofia": — "Pela primeira vez, encontramos neste resumo que vimos fazendo da evolução filosófica, no Brasil, um homem que, com verdadeiro amor, com incansável perseverança e admirável dedicação, sustentado apenas pelo estímulo de um ideal levantado, se tenha consagrado, durante quase tôda a vida, ao estudo da Filosofia e ao desenvolvimento orgânico e sistemático da sua doutrina."

Segundo o mesmo douto julgador, Farias Brito "aparelhou-se para a sua posição de escritor, por uma leitura atenta e meditada de quase todos os que versaram o mesmo assunto, nos três últimos séculos, sendo também certo que se orientou pela mais perfeita independência de espírito, sabendo, por isso, elevar-se acima de muitos preconceitos da Filosofia moderna, ao fazer o exame e a crítica das várias correntes filosóficas".

Foi um homem de caráter, um homem sincero, de coração bondoso e reto.

Disse de si mesmo, num escrito íntimo, estas palavras edificantes: — "Nunca se passaram comigo coisas extraordinárias." E acrescentou: — "Nunca alcancei vitórias ruidosas. Mas também nunca fui vencido."

Sobretudo, foi, por Deus, dotado de ânimo inquebrantável. Ouçamos, neste particular, o seu depoimento: — "Sinto-me só, às vêzes, quando ferve, em tôrno de mim, o tumulto e me cerca a multidão. Por isto sou triste. É que a tal ponto me acabrunha o sentimento da solidão que há ocasiões em que chego, por assim dizer, a perder a consciência de mim mesmo. Tenho, não obstante, nos momentos difíceis, uma resistência extraordinária. Neste ponto, sinto que não sou comum. Parece-me, até, que a coragem cresce em mim, quando as dificuldades aumentam. E quando o perigo chega ao último limite, já não me abala. Torno-me insensível a tôda a desgraça, revelando-se-me, em certas ocasiões, no fundo do ser, energias que me surpreendem. É só o que percebo que existe em mim de excepcional. Tudo o mais é comum."

A religião não teve nêle um cunho de expressão definida. Guardou, entretanto, no mais recôndito da sua alma,

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

o sentido de veneração ao Criador de tôdas as coisas.

A sua caridade para com os pobres e desafortunados era manifesta.

Na sua sala de visita, havia lugar especial para o quadro do Coração de Jesus. No quarto onde dormia estava o oratório da família.

Raimundo de Menezes, na tese — “Aspectos Humanos de Farias Brito”, narra que, diante das imagens, as filhas viam-no, muitas vêzes, de pé, silencioso a meditar. O seu livro de cabeceira era a “Imitação de Cristo”.

Logo após haver chegado a Belém, travou renhida polémica, rebatendo violentos artigos do major Gomes de Castro contra o padre Júlio Maria.

Essas manifestações de simpatia à causa da Igreja revelam afinidade ideológica com a doutrina de fraternidade e amor da Mãe e Mestra da Humanidade.

Confessou Farias Brito, firmemente: — “Eu me convenci da nossa imortalidade, em um dos momentos mais solenes, mais graves da minha vida, quando assisti à morte de meu pai.”

Atesta Gina Magnavita Galeffi, em seu trabalho — “O Problema Religioso em Farias Brito”, que o sobrenatural, expulso pela porta, no 1.º volume da “Finalidade do Mundo”, volta, todavia, pela janela nas obras posteriores. Verberou, contra o positivismo, as invectivas atiradas à metafísica.

Disse êle, chistosamente: — “Augusto Comte, combatendo a metafísica, criou um fantasma, para ter, em seguida, o prazer de trucidá-lo.”

Desbaratou, efetivamente, o conteúdo da doutrina de Comte, cujo sistema, “em sua significação real e positiva, não é senão a negação da Filosofia”.

Deixou-se, infelizmente, emaranhar nas fantasias panteísticas, repletas de contradições Mas, a pouco e pouco, com a maturidade se foi libertando de afirmações apressadas, originárias do seu temperamento profundamente sentimental.

Expressou, assim, esta convicção conceituosa: — “As teorias que se afastam, radicalmente, do senso comum, são sempre artificiais e falsas.”

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Seguindo a estrada larga do pensamento, Farias Brito, cada dia mais se distanciou de concepções bebidas na fonte de tantas incoerências, em seus primeiros anos.

Relatou-nos, certa vez, o seu ardoroso amigo Alvaro Bomilcar que, numa roda de admiradores, da qual participava, reunida em tórno do leito de enfêrmo do exímio escritor, nos derradeiros dias da sua peregrinação na terra, Farias Brito fêz esta categórica afirmação: — “Estou convencido de que o Catolicismo é o grande baluarte da sabedoria e da verdade.”

Em artigo de imprensa, registamos, então, esta assertiva, para que o testemunho do fato permanecesse vivo na consciência dos homens lúcidos e de boa vontade. Seja tão eloqüente pronunciamento do autor da “Verdade Como Regra das Ações” a demonstração de que seus passos se dirigiam para as alturas do Cristianismo.

Esse foi, porventura, o motivo de os seus discípulos se incorporarem às fileiras dos combatentes contrários aos erros do materialismo ateu, incompatível com a índole da nossa nacionalidade latina, cristã e democrática.

O emérito jurista argentino, professor Salvador Dana Montano, na conferência — “Un Precursor Brasileño de la Justicia Social en el Siglo XIX”, situa Farias Brito entre as mais destacadas figuras de apóstolos e pregadores dos grandes valores humanos.

Foi êle, no seu exato conceito, o pioneiro da justiça social em nosso país.

Com o esforço empreendido pela consolidação dos postulados eternos, em que se baseiam a liberdade e a ordem, visava a alcançar a vitória contemporânea das realizações objetivas em favor do bem geral.

Na coragem doutrinária e, sobretudo, na ação orientadora do filósofo cearense, o mestre de Santa Fé vê brilhar os sentimentos que embelezam a vida e a fazem digna de ser vivida.

Tão incisivo pronunciamento consagra à admiração do Ocidente esta individualidade desprendida e exalçada que, pelo seu hercúleo trabalho, recebe, agora, a gratidão e o louvor da posteridade.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Abriu, assim, caminho à confraternização dos povos, sob o signo da luz e do amor.

Tem absoluta procedência a observação do ilustre professor espanhol Francisco Elias Tejada, quando afirma, no seu estudo — “Raimundo de Farias Brito na Filosofia do Brasil”: — “Na medida em que o pensamento corresponde ao povo, Farias Brito, no meio da pobreza ideológica do Brasil de 1900, é o único cavaleiro da Dulcinéa originalidade, se nem sempre alcançada, ao menos, sempre pretendida, rigorosa e honestamente.”

A Academia Cearense, coadjuvada pela Universidade, lança, com ufania no centenário de nascimento de Farias Brito, o presente volume da sua Revista, destinado a exaltar o nome e o mérito de um dos maiores luminares da mentalidade brasileira.

Nessa personalidade de primordial grandeza — um dos mais distinguidos sócios fundadores do nosso Silogeu — assenta o título, dentro e fora das fronteiras da Pátria, de autêntico padrão da raça !